

## O IMPACTO DO CRISTIANISMO NA PRIMEIRA ONDA DO FEMINISMO

The impact of Christianity on First Wave Feminism

Vanessa Raquel de Almeida Meira

### Resumo

Esse artigo fará uma reflexão sobre a influência do cristianismo igualitário sobre os movimentos de emancipação feminina que compuseram a Primeira Onda do Feminismo dos séculos XIX e XX nos EUA. Ao analisarem-se alguns movimentos cristãos igualitários, é possível observar um padrão de oportunidades para a participação e liderança femininas. No entanto, movimentos cristãos igualitários, como os *Quakers*, são frequentemente negligenciados em pesquisas e publicações sobre as origens dos movimentos dos direitos das mulheres. Neste artigo, através de pesquisa bibliográfica histórica, será destacada a herança religiosa das personagens que protagonizaram o início do feminismo nos EUA. O artigo sugerirá que lançar luz sobre as raízes religiosas do feminismo pode inspirar mulheres religiosas que não nutrem simpatia pelo feminismo contemporâneo por causa do anticlericalismo e das fortes críticas e acusações lançadas contra o cristianismo por setores do movimento.

**Palavras-chave:** Feminismo. Quakerismo. Sufragismo.

### Abstract

This article will reflect on the influence of Christianity on women's emancipation movements that composed the First Wave of Feminism of the nineteenth and twentieth centuries. When analyzing some egalitarian Christian movements, we found a pattern of opportunities for women's participation and leadership. However, egalitarian Christian movements such as the *Quakers*, are often overlooked in academic research and popular publications on the origins of the movement of women's rights. Such negligence is unjustifiable. In this article, through historical literature review, will be highlighted the religious heritage of the characters who staged the beginning of feminism in the United States. The article will suggest that shedding light on the religious roots of feminism can inspire religious women who don't have sympathy for contemporary feminism because of anticlericalism and strong criticism against Christianity by sectors of the movement.

**Keywords:** Feminism. Quakerism. Suffragism.

## Considerações Iniciais

Ao longo da história do cristianismo, sempre houve movimentos e teologias cristãs igualitaristas, que se desenvolveram paralelamente e em oposição às antropologias patriarcais.<sup>1</sup> Movimentos cristãos igualitários, como setores radicais da Reforma Protestante, apresentaram um padrão de oportunidades para o protagonismo e liderança femininas.<sup>2</sup>

No entanto, esses movimentos cristãos igualitários são frequentemente negligenciados em pesquisas e publicações sobre as origens dos movimentos dos direitos das mulheres, que costumam apresentar o cristianismo apenas como mais um dos opressores.<sup>3</sup> Tal negligência é injustificável, e se apoia em uma generalização das principais correntes do cristianismo. Há, porém, autores se esforçando para desfazer tais equívocos. O livro *Women of Spirit*,<sup>4</sup> por exemplo, faz distinção entre o “protestantismo da corrente principal” e o “protestantismo sectário”, vendo nesse último uma tradição mais consistente de empoderar mulheres.

Esse artigo tem como objetivo demonstrar, através de uma pesquisa histórica bibliográfica, que a presença cristã no movimento feminista de Primeira Onda não foi marginal, e que essa herança precisa ser resgatada. A face igualitária do cristianismo é tão academicamente respeitável quanto as faces mais misóginas e limitadoras, e estudar sobre ela pode evitar que a análise da relação entre religião e feminismo seja estereotipada e equivocada.

## Os antecedentes religiosos do feminismo

Camille Paglia afirma que há importantes elementos na história do feminismo que geralmente são combatidos ou deixados de fora do que ela chama de "narrativa feminista padrão". Segundo ela, isso pode ser percebido na frequente crítica à cultura ocidental, ao sistema capitalista e à religião. Paglia afirma que a história feminista tem insuficientemente reconhecido o nível de influência que a religião exerceu sobre as feministas da Primeira

---

<sup>1</sup> RUETHER, Rosemary R. *Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminista*. São Leopoldo: Sinodal, 1993. p. 88.

<sup>2</sup> ZIKMUND, Barbara Brown. The Feminist thrust of sectarian Christianity. In: RUETHER, Rosemary R.; MCLAUGHLIN, Eleanor (eds.). *Women of Spirit: female leadership in the jewish and christian traditions*. New York: Simon and Scuster, 1979. p. 221.

<sup>3</sup> ZIKMUND, 1979, p. 217.

<sup>4</sup> RUETHER; MCLAUGHLIN, 1979.

Onda nos EUA.<sup>5</sup>

Há na história uma série de "cristanismos alternativos" igualitários, como o montanismo<sup>6</sup> e algumas formas de gnosticismo.<sup>7</sup> Mesmo no cristianismo dominante, o igualitarismo é perceptível nas mulheres místicas, nas comunidades religiosas femininas e movimentos cristãos populares.<sup>8</sup> Surgiram diversos movimentos igualitários na Reforma, nos quais as mulheres tinham o direito de pregar e ensinar publicamente e agirem como líderes da igreja.<sup>9</sup>

No século XVII, grupos puritanos radicais acreditavam que homens e mulheres podiam ser igualmente usados pelo Espírito como pregadores da Palavra, e mulheres pregadoras batistas são mencionadas já em um documento de 1641.<sup>10</sup> A abertura para que mulheres pregassem e até exercessem o ministério já encontra precedentes na Inglaterra do século XVII entre grupos batistas, congregacionais e *quakers*.<sup>11</sup> Há, de fato, uma bem documentada tradição de mulheres pregadoras entre batistas e *quakers* no século XVII, e nos movimentos *Holiness* e pentecostais dos séculos XIX e XX.<sup>12</sup>

Os séculos XVIII e XIX viram florescer comunidades cristãs utópicas que pregavam uma sociologia messiânica igualitária contracultural. A expressão máxima dessas comunidades utópicas talvez tenha sido os *shakers*, um grupo religioso liderado por Ann Lee.<sup>13</sup> E bem antes das principais publicações e discursos em favor das mulheres, já havia cristãs publicando livros sobre o tema, como Judith Sargent Murray (1751-1820), em 1790,<sup>14</sup> e Hannah Mather Crocker, em 1818.<sup>15</sup>

<sup>5</sup> PAGLIA, Camille. *Feminism Past and Present: Ideology, Action, and Reform*. *Arion: A Journal of the Humanities and the Classics*. Vol. 16, n. 1, 2008. p. 6. Disponível em: <<http://www.bu.edu/arion/files/2010/03/Feminism-Paglia1.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2016.

<sup>6</sup> FIORENZA, Elisabeth Schussler. *Word, Spirit and Power*. In: RUETHER; MCLAUGHLIN, 1979, p. 39-44.

<sup>7</sup> PAGELS, Elaine. *The gnostic gospels*. New York: Random, 1979. p. 471-474.

<sup>8</sup> RUETHER, 1993, p. 36.

<sup>9</sup> RUETHER, 1993, p. 36.

<sup>10</sup> IRWIN, Joyce L. *Womanhood in Radical Protestantism, 1525-1675*. New York: The Edwin Mellen, 1979. p. 212-214.

<sup>11</sup> BRAITHWAITE, William Charles. *The Beginnings of Quakerism*. Cambridge: Cambridge University Press, 1955. p. 12, 44, 157-158.

<sup>12</sup> RUETHER, 1993, p. 164.

<sup>13</sup> Bem antes do feminismo contemporâneo, ela impôs uma estrita igualdade sexual em todos os níveis de sua comunidade, a propriedade compartilhada dos bens e a valorização da pureza. As mulheres tinham tanta voz que as comunidades *shakers* por vezes eram uma ginocracia; RUETHER, 1993, p. 37.

<sup>14</sup> Ela era cristã congregacionista, e publicou o livro "*On the Equality of the Sexes*". Resumo biográfico disponível em: <<http://www.jsmsociety.com/Biography.html>>. Acesso em: 23 Mai 2016.

<sup>15</sup> Ela era filha de um pastor congregacionista, e publicou "*Observations on the Real Rights of Women, with Their Appropriate Duties, Reminiscences and Traditions of Boston, Agreeable to Scripture, Reason and*

Como é possível perceber, desde o século XVII, o papel da mulher na sociedade americana foi se alterando gradualmente. Vários fatores contribuíram para essas alterações, fatores nomeadamente religiosos.<sup>16</sup> Dentre os grupos cristãos igualitaristas, os *quakers* se destacam. Simone de Beauvoir, por exemplo, reconhece que o quakerismo e seu ativismo social inspirou e “deu o tom a todo o feminismo norte-americano”.<sup>17</sup> É sobre os *quakers* que vamos falar a seguir.

### O papel de destaque do quakerismo

Há uma inegável relação entre o desenvolvimento do feminismo e o crescimento do “cristianismo sectário” nos EUA do século XIX, sendo os *quakers* o grupo igualitarista mais representativo dentre os protestantes.<sup>18</sup> Os *quakers* são um movimento religioso de tradição protestante fundado pelo inglês George Fox em 1652. Destacaram-se como pacifistas, abolicionistas e igualitaristas de gênero. Lideraram e se envolveram em movimentos contra o tráfico de escravos e a escravidão, pela reforma das prisões, pela abolição da pena de morte e contra as guerras entre nações. Para os *Quakers*, a dominação masculina era uma manifestação do pecado. A igualdade entre homens e mulheres foi restaurada em Cristo, que ordenou que homens e mulheres fossem anunciadores proféticos do evangelho.<sup>19</sup>

O *quakerismo* proporcionou um ambiente onde mulheres podiam ser ouvidas em pé de igualdade com os homens.<sup>20</sup> Nas reuniões *quakers*, qualquer pessoa, homem ou mulher, poderia falar,<sup>21</sup> No século XIX, as mulheres *quakers* se tornaram cada vez mais visíveis, e desempenharam papel fundamental no surgimento da Primeira Onda do

---

*Common Sense*”.Resumo biográfico disponível em: <<http://hmcsociety.wix.com/hmcs>>. Acesso em: 23 maio 2016.

<sup>16</sup> NUNES, Rosa Maria Magalhães. *Anne Hutchinson - Uma Pregadora e Defensora da Liberdade Religiosa em New England*. Dissertação (mestrado). Lisboa: Universidade Aberta, 2009. p. 86.

<sup>17</sup> BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: fatos e mitos*. Vol 1. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. p. 162.

<sup>18</sup> ZIKMUND, 1979, p. 217; IRWIN, 1919, p. 161-162.

<sup>19</sup> RUETHER, Rosemary Radford. *Women and Redemption: A Theological History*. Minneapolis: Fortress Press, 2012. p. 5.

<sup>20</sup> Para uma exposição mais detalhada do papel da mulher na história do quakerismo, ver HUBER, Elaine C. “A woman must not speak”: Quaker Women in the English Left Wing. In: RUETHER; MCLAUGHLIN; p. 153-182. Huber demonstra que as mulheres *Quakers* não apenas tinham liberdade para pregar e ensinar a religião publicamente, mas também lideravam em atividades seculares e gerenciavam recursos financeiros. Para uma exposição mais detalhada de outros aspectos do estilo de vida *Quaker*, ver LOUKES, Harold. *The Quaker contribution*. Naperville: SCM Press, 1965. p. 90-124.

<sup>21</sup> WAYNE, Tiffany K. *Women's Roles in Nineteenth-century America*. Westport: Greenwood Press, 2007. p. 53.

feminismo.<sup>22</sup> A história registra que o movimento dos direitos das mulheres surgiu, em parte, da luta abolicionista da década de 1840, e foi composto em grande medida por mulheres de tradição *quaker*.<sup>23</sup>

Inicialmente, os *quakers* não se lançaram em um ativismo público pela igualdade das mulheres na sociedade em geral porque sua visão sectária inicial os levava a ver o mundo não-*quaker* como um mundo caído do qual eles deveriam manter distância. Mas, no século XIX, essa postura sectária foi contestada por várias ativistas de tradição *quaker*, particularmente por Sarah e Angelina Grimké e Lucretia Mott, que uniram a teologia *quaker* com o pensamento democrático americano.

Assim, não foi por acaso que essas mulheres cristãs se tornaram ativistas, mas foi por uma *motivação teológica*. Como destaca Ruether:

Subjacente a este ministério ativo das mulheres *Quakers* como pregadoras, missionárias, escritoras e líderes de reuniões de mulheres estava uma teologia *Quaker* da igualdade espiritual dos homens e mulheres na criação, uma igualdade que foi restaurada por meio da redenção em Cristo.<sup>24</sup>

Motivadas pela teologia igualitária *quaker*, as irmãs Grimké, tornaram-se uma das primeiras mulheres americanas a defenderem a abolição da escravatura e os direitos das mulheres.<sup>25</sup> Elas podem ser consideradas as matriarcas do feminismo norte-americano, inaugurando a luta pelos direitos civis das mulheres que iria ser levada a efeito por mulheres *quakers* mais jovens, como Susan B. Anthony (1820-1906).<sup>26</sup>

Susan Anthony é um dos nomes mais importantes da Primeira Onda do feminismo. Sua atuação foi tão destacada que a emenda permitindo finalmente o voto feminino nos EUA recebeu seu nome (Emenda Anthony).<sup>27</sup> A firmeza de Susan Anthony foi produto de sua estrita educação *quaker*.<sup>28</sup> Os valores religiosos dela têm sido subestimados ou tratados como um mero detalhe em estudos biográficos, mas é preciso destacar que ela manteve

<sup>22</sup> ZIKMUND, 1979, p. 217.

<sup>23</sup> RUETHER, 2012, p. 122.

<sup>24</sup> RUETHER, 2012, p. 112.

<sup>25</sup> BIRNEY, Catherine H. *The Grimke Sisters, Sarah and Angelina Grimke: The First American Women Advocates of Abolition and Women's Rights*. New York: Boston, Lee and Shepard, 1885. Disponível em: <<https://archive.org/details/grimksisterssara00birn>> Acesso em: 17 jun. 2016.

<sup>26</sup> RUETHER, 2012, p. 5.

<sup>27</sup> McHENRY, Robert (ed.). *Famous American Women: A Biographical Dictionary from Colonial Times to the Present*. Springfield: G&C Merriam Company, 1980. p. 10-11.

<sup>28</sup> WAYNE, Tiffany K. *Women's Rights in the United States: A Comprehensive Encyclopedia of Issues, Events and People*. Santa Barbara: ABC Clío, 2015. p. 131.

seus princípios *quakers*.<sup>29</sup>

### As raízes religiosas das sufragistas

Muitas mulheres sufragistas dos EUA faziam parte do grupo cristão protestante *Woman's Christian Temperance Union*, a primeira grande agremiação de mulheres a promover esforços organizados em prol de reformas sociais nos EUA.<sup>30</sup> Esse grupo foi a maior e mais influente associação de mulheres que existira até então.<sup>31</sup> A organização do grupo e a mobilização de mulheres em torno de causas sociais contribuíram para o maior envolvimento feminino na política.<sup>32</sup>

Segundo Ruether, a Primeira Onda de feminismo foi liberal e se manifestou na *Convenção de Seneca Falls* em 1848,<sup>33</sup> considerado um evento fundante da Primeira Onda. Essa primeira convenção pelos direitos das mulheres nos EUA ocorreu numa *Igreja Metodista Wesleyana*, o que é uma demonstração simbólica do vínculo entre a Primeira Onda e o cristianismo. Ao final do evento, foi assinado um documento pedindo igualdade de tratamento para homens e mulheres perante a lei e o direito de voto para as mulheres,<sup>34</sup> e pelo menos um quarto das assinaturas era de mulheres *quakers*.<sup>35</sup> Esse documento de *Seneca Falls* é pleno de referências religiosas à criação divina.<sup>36</sup>

A lista de mulheres sufragistas que lideraram ou compuseram a Primeira Onda do feminismo está recheada de mulheres cristãs, cuja religiosidade não deve ser tratada como

<sup>29</sup> JAMES, Edward T.; JAMES, Janet Wilson; BOYER, Paul S.; COLLEGE, Radcliffe (eds.). *Notable American Women, 1607-1950: A Biographical Dictionary*. Cambridge: Belknap Press, 1971. p. 51-53.

<sup>30</sup> Outros grupos cristãos mobilizaram mulheres para o ativismo social. Um grupo importante foi a *New York Female Moral Reform Society*, estabelecida em 1834, com Lydia Finney (esposa do evangelista Charles Grandison Finney) atuando como presidente. A preocupação desse grupo era manter as mulheres fora da prostituição.

<sup>31</sup> Para uma comparação, a associação sufragista *National American Woman Suffrage Association* tinha apenas treze mil membros em 1893, enquanto a *Woman's Christian Temperance Union* contava com quase dois milhões; ver MASSON, Erin M. The Women 's Christian Temperance Union 1874-1898: Combating Domestic Violence. *William & Mary Journal of Women and the Law*. Vol 3, 1997, p. 163, nota 2. Disponível em: <<http://scholarship.law.wm.edu/wmjowl/vol3/iss1/7>>. Acesso em: 21 Jun. 2016.

<sup>32</sup> O movimento de temperança da década de 1870 foi chamado de *Cruzada das Mulheres* ou *Guerra Santa das mulheres*. As mulheres se reuniam em grupos do lado de fora dos *saloons*, e ali elas oravam, cantavam hinos e obstruíam a entrada. Muitos *saloons* tiveram que fechar ou se mudar; PAGLIA, 2008, p. 6.

<sup>33</sup> RUETHER, 1993, p. 166.

<sup>34</sup> IMBORNONI, Ann-Marie. *Women's Rights Movement in the U.S.: History of the American Women's Rights Movement 1848-1920*. Disponível em: <<http://www.infoplease.com/spot/womenstimeline1.html>>. Acesso em: 16 maio 2016.

<sup>35</sup> HEWITT, Nancy A. Feminist Friends: Agrarian Quakers and the Emergence of Woman's Rights in America. *Feminist Studies*. 12.1, 1986. p. 27-49.

<sup>36</sup> RUETHER, 1993, p. 166.

um mero detalhe, mas sim como um importante fator motivador. Elas eram leigas, ministras ou missionárias *quakers*,<sup>37</sup> ou cristãs devotas de outras denominações protestantes e evangélicas.<sup>38</sup>

Algumas se destacam, como a *quaker* Anna Elizabeth Dickinson<sup>39</sup> (1842-1932), a primeira mulher a fazer um discurso político no congresso americano, e Amelia Jenks Bloomer<sup>40</sup> (1818-1894), uma cristã que foi editora do primeiro jornal (*The Lily*) dedicado à causa feminina. Também Lucy Stone (1818-1893), importante liderança sufragista, que, influenciada pelo pensamento igualitário das já mencionadas irmãs Grimké, fez seu primeiro discurso feminista no púlpito da *Igreja Evangélica Congregacional* pastoreada por seu irmão William Bowman Stone, em 1847.<sup>41</sup>

Esse não foi um levantamento histórico exaustivo. Muitos outros nomes poderiam surgir em uma pesquisa mais detalhada. Mas é suficiente para demonstrar que o cristianismo não pode ser encarado como hostil às mulheres e ao feminismo de uma maneira generalizada, pois foi um dos principais fatores motivadores para o ativismo da Primeira Onda.

### Considerações Finais

O peso das igrejas tradicionalmente fechadas à emancipação feminina não sufocou as comunidades cristãs que valorizavam a liberdade feminina e a igualdade. Graças a essas comunidades, o pensamento igualitário não se perdeu dentro do cristianismo. Tal visão sempre existiu, e foi preservada dentro do cristianismo, o que possibilitou, aliás, a exposição de uma de suas facetas neste artigo. Redescobrir essa história nos permite reivindicar uma

<sup>37</sup> Como Isabella Ford (ROWBOTHAM, Sheila. *Women in Movement: Feminism and Social Action*. New York: Routledge, Chapman and Hall, 1992. p. 132; CRAWFORD, Elizabeth. *The Women's Suffrage Movement: A Reference Guide 1866-1928*. London: UCL Press, 1999. p. 226), Marta Carey Thomas (WAYNE, 2015, p. 231), Sarah Pugh, Elizabeth Buffum Chace, Mary Grew e Lucretia Longshore Blankenburg (JAMES; JAMES; BOYER et al, 1971, p. 104, 317, 91, 170). Eliza Gurney, Sybil Jones e Elizabeth Leslie Rous Comstock eram ministras *quakers* (ZIKMUND, 1979, p. 217-218). Anne Knight fez o primeiro folheto a favor do voto feminino em 1847 (ROWBOTHAM, 1992, p. 57, 70). Lucretia Mott, ministra *quaker*, foi uma das principais personagens da *Convenção de Seneca Falls* (McHENRY, 1980. p. 295). Anna Haslam estava entre as que subscreveram a petição do *Women's Suffrage Committee*, apresentada por John Stuart Mill ao parlamento inglês em 1866 (ROWBOTHAM, 1992, p. 70).

<sup>38</sup> Como Sojourner Truth (WAYNE, 2015, p. 193-195), Harriet Bishop (JAMES; JAMES; BOYER et al, 1971, p. 151), Abigail Hopper Gibbons, Abigail Kelley Foster e Hannah Whital Smith, uma das fundadoras do *Woman's Christian Temperance Union* (McHENRY, 1980, p. 138-139, 152-153, 385).

<sup>39</sup> WAYNE, 2015, p. 66.

<sup>40</sup> McHENRY, 1980, p. 39.

<sup>41</sup> WAYNE, 2015, p. 181.

parte de nosso passado cristão e nos ajuda a retratar o cristianismo com mais isenção e menos estereótipos.

A desconstrução (e até mesmo a supressão) da religião se tornou um dos principais objetivos de importantes setores do feminismo.<sup>42</sup> Isso provocou um sentimento antifeminista em mulheres religiosas que não se viram representadas por esses setores do movimento. Por isso, há uma necessidade de se destacar mais claramente o *background* religioso do movimento feminista e reivindicar a legitimidade de sua importância histórica. Mulheres religiosas precisam saber que houve influência do cristianismo no início dos movimentos pelos direitos das mulheres.

Redescobrir as raízes religiosas ligadas ao feminismo pode ajudar a desfazer estereótipos e conquistar a simpatia de uma grande parcela de mulheres. Além disso, pode inspirar e motivar mulheres religiosas na luta contra superestruturas religiosas mais opressoras sem abrir mão de sua própria herança cristã.

## Referências

ALCOFF, Linda; CAPUTO, John D. *Feminism, Sexuality, and the Return of Religion*. Bloomington: Indiana University Press, 2011.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: fatos e mitos*. Vol 1. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BIRNEY, Catherine H. *The Grimke Sisters, Sarah and Angelina Grimke: The First American Women Advocates of Abolition and Women's Rights*. New York: Boston, Lee and Shepard, 1885. Disponível em: <<https://archive.org/details/grimksisterssara00birn>> Acesso em: 17 jun. 2016.

BRAITHWAITE, William Charles. *The Beginnings of Quakerism*. Cambridge: Cambridge University Press, 1955.

---

<sup>42</sup> Há setores feministas que defendem o completo abandono do judaísmo e do cristianismo. Goldenberg, por exemplo afirmou que “nós mulheres vamos dar um fim a Deus” que “havia uma magnificência ligada à ideia de vê-lo [Deus] ir”, e que tinha voltado com alegria à pós-graduação “para estudar o final de Deus” (ALCOFF, Linda; CAPUTO, John D. *Feminism, Sexuality, and the Return of Religion*. Bloomington: Indiana University Press, 2011. p. 59; GOLDENBERG, Naomi R. *Changing of the gods: feminism and the end of traditional religions*. Boston: Beacon Press, 1979. p. 3, 10). Mary Daly é outra importante pensadora feminista que rejeita totalmente a tradição judaico-cristã (RUETHER, 1993, p. 38). E, em uma entrevista, Gloria Steinem afirmou que a religião é o maior inimigo do feminismo hoje (Disponível em: <[http://www.huffingtonpost.com/2014/02/11/gloria-steinem-makers-conference-jennifer-aniston\\_n\\_4764866.html](http://www.huffingtonpost.com/2014/02/11/gloria-steinem-makers-conference-jennifer-aniston_n_4764866.html)>. Acesso em 27 jun. 2016).

CRAWFORD, Elizabeth. *The Women's Suffrage Movement: A Reference Guide 1866-1928*. London: UCL Press, 1999.

FIORENZA, Elisabeth Schussler. Word, Spirit and Power. In: RUETHER, Rosemary R.; MCLAUGHLIN, Eleanor (eds.). *Women of Spirit: female leadership in the jewish and christian traditions*. New York: Simon and Scuster, 1979.

GOLDENBERG, Naomi R. *Changing of the gods: feminism and the end of traditional religions*. Boston: Beacon Press, 1979.

HEWITT, Nancy A. Feminist Friends: Agrarian Quakers and the Emergence of Woman's Rights in America. *Feminist Studies*. 12.1, 1986.

HUBER, Elaine C. "A woman must not speak": Quaker Women in the English Left Wing. In: RUETHER, Rosemary R.; MCLAUGHLIN, Eleanor (eds.). *Women of Spirit: female leadership in the jewish and christian traditions*. New York: Simon and Scuster, 1979.

IMBORNONI, Ann-Marie. *Women's Rights Movement in the U.S.: History of the American Women's Rights Movement 1848–1920*. Disponível em: <<http://www.infoplease.com/spot/womenstimeline1.html>>. Acesso em: 16 maio 2016.

IRWIN, Joyce L. *Womanhood in Radical Protestantism, 1525-1675*. New York: The Edwin Mellen, 1979.

JAMES, Edward T.; JAMES, Janet Wilson; BOYER, Paul S.; COLLEGE, Radcliffe (eds.). *Notable American Women, 1607-1950: A Biographical Dictionary*. Cambridge: Belknap Press, 1971.

LOUKES, Harold. *The Quaker contribution*. Naperville: SCM Press, 1965.

MASSON, Erin M. The Women 's Christian Temperance Union 1874-1898: Combating Domestic Violence. *William & Mary Journal of Women and the Law*. Vol 3, 1997. Disponível em: <<http://scholarship.law.wm.edu/wmjowl/vol3/iss1/7>>. Acesso em: 21 Jun. 2016.

McHENRY, Robert (ed.). *Famous American Women: A Biographical Dictionary from Colonial Times to the Present*. Springfield: G&C Merriam Company, 1980.

NUNES, Rosa Maria Magalhães. *Anne Hutchinson - Uma Pregadora e Defensora da Liberdade Religiosa em New England*. Dissertação (mestrado). Lisboa: Universidade Aberta, 2009.

PAGELS, Elaine. *The gnostic gospels*. New York: Random, 1979.

PAGLIA, Camille. Feminism Past and Present: Ideology, Action, and Reform. *Arion: A Journal of the Humanities and the Classics*. Vol. 16, n. 1, 2008. p. 6. Disponível em: <<http://www.bu.edu/arion/files/2010/03/Feminism-Paglia1.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2016.

ROWBOTHAM, Sheila. *Women in Movement: Feminism and Social Action*. New York: Routledge, Chapman and Hall, 1992.

RUETHER, Rosemary R. *Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminista*. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

\_\_\_\_\_. *Women and Redemption: A Theological History*. Minneapolis: Fortress Press, 2012.

WAYNE, Tiffany K. *Women's Rights in the United States: A Comprehensive Encyclopedia of Issues, Events and People*. Santa Barbara: ABC Clio, 2015.

\_\_\_\_\_. *Women's Roles in Nineteenth-century America*. Westport: Greenwood Press, 2007.

ZIKMUND, Barbara Brown. The Feminist thrust of sectarian Christianity. In: RUETHER, Rosemary R.; MCLAUGHLIN, Eleanor (eds.). *Women of Spirit: female leadership in the jewish and christian traditions*. New York: Simon and Scuster, 1979.